

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AMANDA SOARES DE BRITO, HERON MORAIS RODRIGUES,
PAULO CARLOS DA SILVA

**MUSICOTERAPIA APLICADA À CLÍNICA
PSICOLÓGICA NA GESTALT-TERAPIA**

RECIFE/2023

**AMANDA SOARES DE BRITO, HERON MORAIS RODRIGUES, PAULO CARLOS
DA SILVA**

**MUSICOTERAPIA APLICADA À CLÍNICA PSICOLÓGICA
NA GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para
conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Dr^a. Flavia Schuller.

**RECIFE
2023**

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

B862m Brito, Amanda Soares de.
Musicoterapia aplicada à clínica psicológica na gestalt-terapia / Amanda
Soares de Brito; Heron Morais Rodrigues; Paulo Carlos da Silva. - Recife: O
Autor, 2023.
20 p.

Orientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Musicoterapia. 2. Gestalt-terapia. 3. Saúde mental. I. Rodrigues,
Heron Morais. II. Silva, Paulo Carlos da. III. Centro Universitário Brasileiro.
- UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobretudo, pela graça divina da vida, orientadores Flavia Schuler e Danilo Silva, aos professores Renata Dias, Jefferson Santos e Roberto Lins, entre outros, que fundamentalmente contribuíram para nossa formação profissional ao compartilhar conhecimentos acumulados pela humanidade. Aos colegas de curso, funcionários da instituição acadêmica, às preceptoras Aline Marinheiro e Sandra Aoun, às estagiárias Elaine Nascimento, Rayane Figueiredo, Anny Barbalho, a todos os funcionários de portaria, limpeza, conservação e ascensoristas por todo o apoio e suporte dado na clínica escola de psicologia desta instituição. Em particular somos gratos aos nossos pais, cônjuges e filhos por todo apoio, incentivo e investimento neste período da nossa formação acadêmica, acreditando nos nossos sonhos.

A terapia possibilita ao indivíduo deixar de repetir de forma morta sua vida, apresentando um novo conflito criativo que convida ao crescimento, à mudança, ao excitamento e à aventura de viver.

Fritz

Perls

RESUMO

Atribui-se a Arthur Schopenhauer a expressão: “A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende”. Este trabalho tem como objetivo geral apresentar a importância e eficácia da musicoterapia na clínica psicológica especialmente em sessões de Gestalt-Terapia cuja abordagem privilegia o sentir para organizar o pensar. De modo mais específico, fizemos um levantamento histórico-bibliográfico da musicoterapia a fim de investigar o uso da música como auxílio na promoção da saúde mental, bem como as bases científicas que a fundamentam como ferramenta auxiliar nas sessões de Gestalt-Terapia. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura narrativa, estruturada a partir da busca e análise das publicações acadêmicas encontradas nas plataformas de pesquisa: Google Acadêmico, SciELO, PePsic e BVS Brasil nas edições que contemplassem os seguintes descritores: Musicoterapia, Gestalt-terapia e Saúde Mental. Os critérios de inclusão dos textos, foram determinados pela seleção em artigos, revistas, livros físicos e virtuais escritos em língua portuguesa e estrangeira, com tradução possibilitada pelos próprios *sites*. A exclusão foi motivada por divulgações repetidas na base de dados, publicadas em anos anteriores a 1979 ou de temática irrelevante para os objetivos desta pesquisa. Concluída a análise do material selecionado, os resultados apontam que a utilização da música, nos ambientes hospitalares e clínicos, associada aos tratamentos convencionais, torna-se elemento reintegrador dos desempenhos físicos, mentais e psicossociais tão importantes no processo saúde e doença. A musicoterapia, associada a Gestalt-terapia e aos tratamentos convencionais, quando dirigida de forma responsável, por especialistas, possibilita progresso no quadro biopsicossocial do cliente, reduz o uso de remédios e entre outros benefícios, trazem esperança aos que o acompanham no processo terapêutico.

Palavras-chave: Musicoterapia; Gestalt-terapia; Saúde Mental.

ABSTRACT

Arthur Schopenhauer is credited with saying: "Music expresses the highest philosophy in a language that reason does not understand". This work has the general objective of presenting the importance and effectiveness of music therapy in the psychological clinic, especially in Gestalt-Therapy sessions whose approach privileges feeling to organize thinking. More specifically, we carried out a historical-bibliographical survey of music therapy in order to investigate the use of music as an aid in promoting mental health, as well as the scientific bases that support it as an auxiliary tool in Gestalt-Therapy sessions. The methodology used was a narrative literature review, structured based on the search and analysis of academic publications found on search platforms: Google Scholar; SciELO, PePsic and VHL Brasil in editions that included the following descriptors: Music Therapy, Gestalt Therapy and Mental Health. The inclusion criteria for the texts were determined by the selection of articles, magazines, physical and virtual books written in Portuguese and foreign languages, with translation made possible by the websites themselves. The exclusion was motivated by repeated disclosures in the database, published in years prior to 1979 or on topics irrelevant to the objectives of this research. Once the analysis of the selected material has been completed, the results indicate that the use of music, in hospital and clinical environments, associated with conventional treatments, becomes an element that reintegrates physical, mental and psychosocial performance, which is so important in the health and illness process. Music therapy, associated with Gestalt therapy and conventional treatments, when directed responsibly by specialists, enables progress in the client's biopsychosocial condition, reduces the use of medication and, among other benefits, brings hope to those who accompany them in the therapeutic process.

Keywords: Music therapy; Gestalt therapy; Mental health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	10
2.1 Objetivo geral	10
2.2 Objetivos específicos	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	17
5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS	18
5.1 A Musicoterapia na História Humana.....	18
5.2 Musicoterapia e Saúde Mental.....	19
5.3 Musicoterapia e a Gestalt-Terapia	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A música sempre esteve presente na história do homem, não apenas como elemento recreativo, mas de modo muito significativo em processos terapêuticos como intervenções do trabalho médico em indivíduos que apresentavam sintomas inibidores da comunicação. Segundo Fregtman (1989) apud OLIVEIRA; GOMES (2014), a música é um facilitador da capacidade de expressão comunicacional que o homem tem.

Acreditamos que para falar da história da musicoterapia seja importante conhecer o conceito que fundamenta o uso da música como ferramenta terapêutica na história da saúde humana. Desde a antiguidade a música aparece como um tema importante, seja na questão da formação da alma humana como defendeu Platão, ou de modo mais abrangente como pensava Aristóteles, que apontava uma concepção holista acerca dos efeitos da música no emocional do ser humano. (JÚNIOR, 2007, p.36 - 47).

Para conceituar a musicoterapia é necessário conhecer seu processo de criação, construção e consolidação de conhecimento, portanto, a musicoterapia surge inicialmente no modelo biomédico para depois ser referência a várias outras ciências como Filosofia, Antropologia e Música.

Segundo Benenzon (1988, p.12), a produção dos sons da natureza contribuiu para a formação musical do homem e forneceu os elementos sonoros, bem como os materiais para produção de outros sons e sua escrita em processo de imitação, supondo que “[...] o pulso, o ato de andar, o ruído dos cascos do seu cavalo ao trote, a queda de gotas de água e o impacto das ondas” provocaram na imaginação humana, as primeiras figuras rítmicas.

Silva (2003, p.52) esclarece que “Quando o paciente expõe seus sentimentos, a carga fica mais leve, a culpa diminui, as relações interpessoais melhoram, [...]”. Contribuindo para a diminuição dos sintomas da depressão e do sofrimento. Notadamente, o musicoterapeuta leva em consideração o corpo e a psiquê configurando suas potencialidades através da música, pois o ser humano é ímpar, singular e subjetivo.

No século passado, buscou-se enfoques psicológicos na Psicanálise, no Humanismo e Behaviorismo, para explicar os referenciais teóricos utilizados nos mecanismos e processos terapêuticos. Desde o século XXI, teóricos vêm em busca de um referencial teórico próprio, e nesse período os estudiosos definiram

que a musicoterapia é uma área que se une a vários campos do conhecimento no binômio ser humano e música, unindo saúde, arte e ciência, integrando e compartilhando conceitos.

A mudança do pensamento de alguns profissionais de saúde sobre o modelo biomédico, possibilitou a criação de um movimento em que os profissionais compreendem a importância de novas práticas em saúde no SUS [...] (BRITO DA SILVA, 2019, p.29). Nesse contexto, a Associação de Musicoterapia do Paraná (2018), cita que a Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia (1996), considerou a musicoterapia como uma intervenção que emprega a música e seus elementos, podendo ser dirigida na prevenção, reabilitação ou tratamento com a finalidade de oferecer melhor qualidade de vida.

Contudo, Bruscia (2016) propõe um conceito mais geral, e revela que a música também é utilizada para propósitos terapêuticos, empregando-a como instrumento de intervenção para tratamento baseado tanto na arte, através da música, quanto na ciência, utilizando fundamentos terapêuticos num vínculo que permite a interdisciplinaridade na compreensão das bases biológicas e de consciência do ser humano e afirmando ainda que a musicoterapia torna-se “uma técnica sistemática de intervenção em que ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança” (BRUSCIA, 2016, p.20).

Em 1944, a Associação Nacional de Música dos Estados Unidos criou um comitê de estudo com a intencionalidade de aplicar a música em hospitais e hospitais clínicas. Esse grupo de pesquisa foi denominado, em 1950, Associação Nacional de Musicoterapia, inserindo a música como uma alternativa de terapia reconhecida no campo da saúde. Segundo Leinig (1977) a criação dessa associação visou fazer avançar o uso progressivo da música na medicina, além de promover a formação de profissionais qualificados em universidades e instituições hospitalares. (LEINIG, 1977, p.16 apud OLIVEIRA; GOMES, 2014, p.758)

Ruud (1990, p.14) enfatiza a ideia da musicoterapia hoje, que aparece como um auxílio nas intervenções do trabalho médico, e não como um elemento de cura, mas, como instrumento facilitador do processo terapêutico, como um instrumento é, portanto, uma maneira de demonstrar de que modo sua

abordagem atual em terapia não se baseia numa noção idealística acerca do “poder curativo”.

Nesse sentido, a musicoterapia tem ampliado diferentes formas de intervenção no cuidado da saúde mental, segundo informações de antigos registros históricos sobre o uso terapêuticos da música em diferentes contornos da atenção à saúde. Assim, a musicoterapia torna-se um processo terapêutico com aplicações clínicas, que atendem às necessidades de promoção da saúde, habilitação e reabilitação, provocando mudança da qualidade de vida das pessoas, grupos e comunidades através de experimentos musicais que promovem energia e força vital, tão necessárias às transformações no ser humano.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Apresentar a importância e eficácia da musicoterapia como ferramenta na clínica psicológica em sessões de Gestalt-Terapia.

2.2 Objetivos específicos

Fazer um levantamento histórico-bibliográfico da musicoterapia como ferramenta em auxiliar processos terapêuticos.

Investigar as bases científicas que fundamentam o uso da musicoterapia como ferramenta auxiliar no campo da saúde mental.

Apresentar fundamentos que embasam o uso da musicoterapia como auxílio terapêutico na clínica psicológica em sessões de Gestalt-Terapia.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

No levantamento histórico da Musicoterapia encontram-se diversas descrições e entre elas há esta que afirma que essa terapia trata de um campo da ciência que analisa o ser humano, suas demonstrações sonoras e os acontecimentos que transcorrerem na interação entre as pessoas e a música, por meio do som e dos elementos sonoros como altura, duração, intensidade e timbre, portanto, interligado as finalidades específicas e interdisciplinares das diversas equipes médicas e médico-psicopedagógicas baseado em estudos e pesquisas científicas. (BENZON, 1988, p. 11-15;33-38)

De acordo com Ruud (1998) e Gaston (1968), no âmbito das investigações científicas, os estudos dedicam-se a compreender as funções, usos e significados que as pessoas atribuem aos sons, músicas, ritmos, silêncios e outros parâmetros sonoro-musicais que permeiam suas vidas (Cunha e Volp, 2008). Nessa perspectiva os teóricos percebem a necessidade aprofundar as questões quando afirmam que é necessário “pesquisar música em Musicoterapia é considerar a música como um campo de forças objetivas e subjetivas e as possíveis inter-relações que possam advir dessas forças” (CRAVEIRO DE SÁ L. 2004, p.73).

Sendo a musicoterapia um campo da medicina que estuda o complexo conjunto som- ser humano- som, emprega o movimento, o som e a música, para ampliar os canais de comunicação do ser humano, gerando resultados terapêuticos, psicofiláticos e de reabilitação no cliente e na coletividade a partir das experiências musicais vivenciadas pelos participantes. (BENZON, 1988, p.11).

Atualmente esse campo do saber está acessível para atuação de outros profissionais sejam da saúde ou não, pois, antes a música era uma terapêutica aplicada apenas pelo médico, com a assistência de músicos. porém a partir de meados do século XX, ocorreu o surgimento de musicoterapeutas especialistas nos campos medicinal, terapêutico e musicológico. (SOUZA, 2005, p.123. apud: OLIVEIRA; GOMES, 2014, p.757).

Teria a música todo esse poder de mobilização das emoções ao ponto de realizar alguma mudança significativa e positiva na vida de um cliente da clínica psicológica? Haveria realmente uma forma científica e didática do uso da música que justificasse seu uso na clínica, uma vez que normalmente se tem a música como um elemento para momentos de diversão? Neste sentido, é justificável a

busca de elementos que confirmem os resultados dos estudos sobre a musicoterapia.

Para Santos (1998, p.9), “A música pode lançar pontes sobre o vazio da solidão, do medo, do sofrimento, [...] cria possibilidades de encontro, facilita o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais”.

Segundo Jung (1988) a relação psicoterapêutica entre o psicólogo e o paciente se dá entre um sistema psíquico pessoal que entra em interação com a outra pessoa que também representa um sistema psíquico. Nesse movimento interativo acontecem algumas trocas de conhecimentos, pontos de vistas aceitáveis ou refutáveis pelos padrões internalizados e/ou por motivações compensatórias e complementares das forças do inconsciente.

Zanetti (2008) esclarece que a psicologia pode constituir uma vinculação com a musicalidade objetivando um novo campo terapêutico dirigido à saúde dos pacientes. Nessa perspectiva, o psicólogo assume o papel de mediador nas inter-relações no processo de tratamento facilitando e restaurando os conteúdos psíquicos expostos no processo relacional e intrapsíquico de cada um dos participantes da terapia, que “são vividos pelos sujeitos como uma situação de ruptura marcada por intensa angústia, medo e incertezas, que variam com o grau de complexidade”.

Em 1986 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarava um novo conceito de saúde mudando a definição biomédica (bem-estar físico, mental e social) para um outro significado, abrangendo o padrão biopsicossocial, possibilitando melhoria, recuperação ou manutenção da saúde. Mas, somente em 2006, através da Portaria GM/MS 971, o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) como um desafio de integrar saberes e práticas nas diversas áreas do conhecimento para desenvolvimento de projetos humanizados, integrais e transdisciplinares. (GOV- BR-SAÚDE, 2006).

De tal modo, o atendimento foi ampliado com alternativas, promovendo situações entre a comunicação e a aprendizagem, objetivando atender as necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) de forma integral e gratuita à população através dos atendimentos na Atenção Básica, principal porta de entrada para o sistema de saúde, possibilitando atendimento diversificado de terapias para a população

brasileira com abordagens terapêuticas procuram estimular através mecanismos de prevenção aos danos à saúde e promovendo a recuperação da pessoa através da integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade.

O ser humano não é corpo e mente ou corpo mais mente, nem psique e soma ou psique e alma, nem matéria e espírito; é um todo; e a Musicoterapia é a técnica que mais se dirige à totalidade do indivíduo (BENENZON, 1988, p.15). Assim, os serviços terapêuticos oferecidos pelos psicólogos através da musicoterapia devem estar respaldados em seu conhecimento e experiência e limitados pelas áreas da saúde e da música no sentido da responsabilidade com a população atendida e a terapia proporcionada.

Quando se cria musicalmente, os aspectos cognitivos, culturais, corporais e afetivos são experienciados e tais ações desdobram-se para o campo do cotidiano, escoando para aspectos outros da vida dos participantes. É nesse sentido que se propõe pensar a potencialização dos sujeitos, como o aumento das possibilidades criativas de existência, mediados pelo fazer musical. E pode-se almejar, por meio da mediação nas inter-relações, que o restabelecimento de saúde mental aconteça conjuntamente ao tratamento físico vivenciado, alcançando resultados biopsicossociais. (ZANETTI, 2008)

A atuação da Musicoterapia inclui o encontro entre o profissional musicoterapeuta, as pessoas que se dispõem à experiência e a prática musical, sendo que o objetivo da ação é sempre a potencialização dos participantes. Em Musicoterapia, o processo criativo musical, não é somente o produto criado, por ser experiência sensível e estética, pode (re) criar modos de relação, de pensamento, de ação, ou seja, de viver.

De acordo com a Associação Brasileira de Gestalt-terapia (ABG) (2016) a abordagem Gestáltica surgiu no Brasil na década de 70, pela influência de uma psicoterapeuta holandesa residente no Brasil Thérèse A. Tellegen, juntamente com Paulo Barros, brasileiro, escritor e professor. O novo movimento trazia pesquisadores de outros países com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a Gestalt-terapia e em 1973 a americana Sílvia Peter, psicoterapeuta e escritora, ministrou um workshop no Grupo de Estudos da Psicologia Social Aplicada em São Paulo.

Em 1977, foi criado o primeiro grupo de formação em Gestalt-terapia em São Paulo denominado de Instituto *Sedes Sapientiae*. Ainda nos anos 70, Paulo

Barros iniciou junto à editora *Summus* a publicação da Coleção Novas Buscas em Psicoterapia, que viria a ter vários livros publicados na abordagem Gestalt no Brasil. A Gestalt-terapia existe em praticamente todos os estados brasileiros nas universidades, além de estar inserida em vários serviços de atendimento à comunidade.

Do ponto de vista fenomenológico, a Gestalt-terapia surgiu, dando ênfase ao autoconhecimento, satisfação, autossuporte e crescimento pessoal, considerando o homem como apto a se autogerir, de se autorregular, e fazer suas próprias escolhas. As dinâmicas de cuidados e de intervenções terapêuticas devem envolver as necessidades e possibilidades do cliente, tanto na dinâmica dos grupos como na dinâmica do indivíduo, diminuindo as implicações negativas provenientes das comorbidades, com fatos que possam provocar o agravamento de doenças. Experiências relevantes e, portanto, sujeitas a uma escolha racional. O cliente tem menos probabilidades de sentir o comportamento como não sendo seu. (ROGERS, 2003, p.536).

Desse modo, a ação psicoterapêutica é pautada como conexões nas quais as partes procuram fomentar nessa associação, o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade das pessoas envolvidas nessa relação, melhorando o funcionamento do organismo e fornecendo uma maior capacidade de enfrentar a vida. As bases teóricas da Gestalt-Terapia estão fundamentadas na Psicologia da Gestalt, na Teoria de Campo, na Psicologia Organísmica, no Holismo e na Psicanálise, considerando que o homem é um ser de escolha, e determina no ser humano a noção de responsabilidade como protagonista da sua própria história, que desfrutando de liberdade pode escolher um outro caminho.

Freitas (2016) analisa a importância da psicoterapia e afirmando que a psicoterapia é prática fundamental para o autoconhecimento e o crescimento pessoal, condições essenciais para lidar com as demandas do cotidiano como também para o tratamento de perturbações emocionais. Portanto a humanização é base para a comunicação interpessoal na terapia, sendo necessário identificar os disparos verbais que facilitam ou limitam a comunicação clínica, para que a informação seja comunicada com maior clareza e objetividade para facilitar a compreensão e a construção do processo comunicativo.

É necessário diferenciar a Psicologia da Gestalt e Gestalt-terapia pois têm significados e tratam de assuntos diferentes com áreas de atuação e apreensões

desiguais. A Gestalt-terapia está envolvida com o campo clínico, com princípios e técnicas que pretendem dar ao homem situações para seu crescimento e a psicologia da Gestalt trata do campo de pesquisa e busca novas perspectivas para explicar o modo como o homem percebe o mundo.

Nesta visão, o cliente confronta suas experiências e as distingue simbolizando-as adequadamente, ao tempo em que se organiza internamente uma nova estrutura do self, que de acordo com Rogers (1983) forma-se um padrão conceitual organizado, fluido e coeso com percepções das particularidades e relações do "eu" ou do "mim", Segundo estudos, a abordagem centrada na pessoa, origina contribuições nas áreas da convivência humana, tais como relacionamentos interpessoais e aspectos do funcionamento da personalidade.

Quanto a atuação do psicólogo que trabalha com a Gestalt-terapia ele deve ter uma prática que caracterize um trabalho profundo com o cliente, que se envolva no processo de terapia tendo a percepção real do campo terapêutico para conseguir fazer o acompanhamento eficaz. Nesse sentido, o atendimento pode fazer com que o cliente perceba e sinta possibilidades de suportar sofrimentos, passando a agir, assimilar, corrigir, reconfigurando circunstâncias, abrindo espaço para uma vida mais plena e mais real, (SILVEIRA, 1997, p.7).

Dessa maneira, a escuta e a fala são instrumentos essenciais de comunicação terapêutica, devendo-se observar atenciosamente a forma como as palavras são articuladas, suas intencionalidades e entonação, além de definir o momento em que será emitida. É importante também observar que o trabalho verbal deve estar atrelado a vivência, e a experiência para resgatar e nortear comportamentos, pois, “a Gestalt-terapia não enfatiza o pensamento que inibe a experiência (conduta obsessiva), e encoraja o pensamento que dá suporte à experiência.” (YONTEF, 1998, p.23).

Pesquisas apontam que a musicoterapia tem sido usada em combinação com a abordagem da Gestalt na prática clínica para ajudar a promover a integração e o crescimento pessoal dos indivíduos e que a comunicação não verbal é aquela que ocorre sem o uso de palavras faladas ou escritas. Abrange comportamentos aparentes, descritos com olhares, gestos, toques, posturas. O modo de vestimenta, a distância espacial entre as pessoas também são consideradas como comunicação não verbalizada, pois funcionam como

indicadores, nas relações e discernimentos sobre o funcionamento do mundo, segundo Castelhana (2015, p.12).

Considerar a integração de partes separadas consiste na visão de que pensamentos e emoção integram-se às ações humanas. A mente do indivíduo e seu corpo formam uma unidade, sem partes separadas, essa integração representa a forma como estes elementos se organizam, e se interagem no indivíduo na sua relação com o meio ambiente.

Rodrigues e Silva (2017) citam Miranda (2013), para conceituar as terapias fundamentadas em música, asseveram que estes processos são capazes de agilizar e modificar diversos quadros clínicos, previnem doenças físicas e mentais, além de proteger o equilíbrio da imunidade e do sistema glandular, como também melhora a cognição, eleva a sensação de bem-estar por causa do aumento da maior produção dos hormônios serotonina e dopamina, contribuindo de forma prática nos comportamentos, emoções e respostas motoras pois a improvisação musical no tratamento pode auxiliar a autoestima e a auto expressão dos pacientes, bem como diminuir a ansiedade e a depressão (SAMPAIO, et al. 2015, p.137).

Os efeitos terapêuticos além de ser um agente psicoprofilático, visam produzir reabilitação e inclusão social, ou seja, atuar na prevenção de problemas mentais com o uso das técnicas da Psicologia. Fonseca, et al. (2006) apontam que a utilização da música também contribui para o tratamento de doenças neurológicas, tais como Parkinson e Alzheimer.

Tarricone (2016) complementa que a música contribui para a estrutura física do cérebro, pois a sobrevivência dos neurônios se torna maior devido ao estímulo provocado pela música, onde acontece a plasticidade cerebral uma vez que o cérebro se adapta as necessidades encontradas ao longo do percurso se desenvolvendo através das sinapses proporcionadas pela música, acarretando positivamente aumento no progresso socioemocional, físico e cognitivo, desse modo o som musical colabora para desvendar a natureza emocional do homem.

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa e compreensiva de estudos e pesquisas sobre a musicoterapia aplicada à clínica psicológica na gestalt-terapia. A revisão narrativa é caracterizada por uma revisão exploratória, ou seja, há uma diversidade nas combinações de resultados, podendo ser encontrados em múltiplas fontes. As publicações utilizadas como referencial são amplas, abrangendo todas as categorias de artigos publicados, possibilitando o conhecimento integral de um tema específico (ROTHER, 2007).

Nesta revisão literária, buscou-se, sobretudo, artigos e livros que tornassem evidentes os descritores escolhidos a fim de facilitar o acesso à informação na coleta de dados com o objetivo de realizar um levantamento abrangente que pudesse responder a pergunta-problema levantada neste estudo.

A dinâmica da busca foi composta por etapas planejadas e iniciadas com a busca virtual na seleção de artigos, revistas e livros publicados, sendo lidos resumos e apresentação dessas publicações, obedecendo aos critérios de inclusão tais como: temática proposta em textos escritos em língua portuguesa e inglesa.

Inglês - com tradução oferecidas pelos próprios *sites* na leitura das informações dos artigos e livros lidos. A exclusão foi determinada por publicações repetidas na base de dados; publicadas em anos anteriores a 1979 ou de temática irrelevante para os objetivos do projeto.

Os autores citados nos livros, narram teorias sobre a musicoterapia, cujas análises permitem que se obtenha uma visão mais ampla das abordagens teóricas que auxiliam com profundidade o estudo dos efeitos fisiológicos, mentais e psicossociais bem como essa prática terapêutica está relacionada com a experiência musical, possibilitando a discussão do papel terapêutico nesse modelo de enfrentamento de doenças, inclusive mentais.

5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste processo de análise foram selecionadas as publicações mais precisas sobre a etiologia, diagnóstico, intervenções clínicas e práticas interdisciplinares correspondentes ao campo estudado a partir da filtragem dos assuntos e citados nas narrativas. Dessa forma foram levantadas três categorias para discussão.

5.1 A Musicoterapia na História Humana

Fazendo um levantamento histórico-bibliográfico da musicoterapia, nota-se que as pesquisas revelaram o registro da presença do uso da música desde os primórdios da humanidade, tanto na formação da alma humana, como defendeu Platão, quanto como elemento terapêutico, uma vez que, segundo Aristóteles, a música produz efeitos no emocional do ser humano (JUNIOR, 2007, p.36,47).

Segundo SILVA (2021, p.2), apud Oliveira e Gomes (2014, p.754) “a música surge associada aos ritos religiosos, práticas divinatórias sacrificiais, festas populares e outras finalidades [...]”. Os processos terapêuticos na antiguidade eram realizados por líderes religiosos, pelos sábios da época, como Hipócrates, hoje considerado pai da medicina, e entre outros que são reconhecidos como filósofos, a exemplo de Pitágoras que “desenvolveu a noção de cura através dos intervalos rítmicos da melodia musical, considerando que a música continha efetivos poderes curativos quando bem empregados, intitulado esta terapêutica como purificação”. (OLIVEIRA; GOMES, 2014, p.755).

Embora se dê muita ênfase aos elementos externos que favorecem a experiência musical como vimos acima, o contexto cultural se apropria e os ressignifica, Benenzon (1988, p.12,13), afirma que esse reconhecimento e ressignificações são produtos dos fenômenos acústicos que estão presentes na experiência humana desde a sua concepção. Esses fenômenos acústicos, sonoros, vibratórios e de movimento surgem desde o preciso momento em que o óvulo se une ao espermatozoide para formar o princípio de um novo ser, neste instante, “existe infinitos processos que rodeiam esse ovo que se aninha no útero, e que produzem por sua própria dinâmica movimento, vibração e som” (BENZON, 1988, p. 13).

Desta forma, podemos compreender a razão da música estar na vida do

homem desde os primeiros relatos da humanidade e evidencia seu surgimento no planeta, bem como a força terapêutica que ela exercia nos rituais xamânicos das comunidades originárias e sua importância hoje em processos terapêuticos, sobretudo na clínica psicológica com embasamento científico e sob o título moderno de Musicoterapia (McCLENON, 1997).

Portanto, embora, aparentemente, se configure como uma disciplina e campo de trabalho recente, as pesquisas demonstram que “a prática da musicoterapia já nos princípios do século XX não é um método novo, mas sim uma redescoberta das utilizações terapêuticas da música” (MOURÃO, 1996, p. 22. apud OLIVEIRA e GOMES, 2014, p.757), cujos processos foram sendo ressignificados.

5.2 Musicoterapia e Saúde Mental

A atuação da Musicoterapia na área de Saúde Mental nas pesquisas relacionadas ao tema musicoterapia e psiquiatria ou saúde mental, percebe-se mudanças acontecendo ao longo das décadas do século XX e XXI. Dessa maneira, “após a reforma psiquiátrica, os tratamentos deixaram de ser a prescrição do isolamento ou tratamento moral e passaram a se sustentar em demandas de cuidado, lazer, relações e afetos (SIQUEIRA; LAGO, 2012). Portanto, é necessário compreender o sofrimento psíquico, da loucura, e reflexões para conseguir aplicar o tipo de atenção oferecida a essas pessoas, no que se refere às especificidades dos benefícios e como a musicoterapia pode contribuir para atender ao cliente com distúrbios de comportamento.

A complexidade do atendimento à Saúde Mental demanda a necessidade de saberes em relação as diversas disciplinas e profissões para atuarem conjuntamente. No cuidado à Saúde Mental é importante pensar em como os diferentes tipos de atendimento podem acolher as singularidades dos sujeitos com distúrbio de comportamento (SAMADAR; ANSAY, 2004, p.56).

Entre autores, Zanini (2004, p.9) afirma que há possibilidades de atuação da Musicoterapia nos transtornos esquizofrênicos quando se possibilita a expressão através dos instrumentos musicais, pois a concretude desses objetos pode favorecer o contato com a realidade. A autora relata que no fazer musicoterápico se busca estar na mesma paisagem sonora, em sintonia com a musicalidade do paciente, através do fazer musical conjunto.

No cuidado à Saúde Mental é imprescindível observar diferentes tipos de atendimento para acolher as singularidades dos sujeitos em sofrimento,

naturalmente, com a atuação de profissionais habilitados, com conhecimento transdisciplinar nas áreas que fundamentam a Psicologia e Musicoterapia.

Atualmente, há avanços na regulamentação da profissão do musicoterapeuta no Congresso Federal para análise do projeto de lei (PL 6.379/2019), que já foi aprovado na Comissão de Assuntos Sociais. Conforme BORGES (2023) a proposta regula a profissão de musicoterapeuta definindo o profissional que utiliza a música e seus elementos como meio terapêutico em hospitais, clínicas e escolas (SENADO FEDERAL, 2023).

O uso da musicoterapia no tratamento mental revela a compreensão da importância do papel da música no cuidado da saúde humana.

5.3 Musicoterapia e a Gestalt-Terapia

O ser humano, portanto, traz consigo dimensões bio-psico-sócio-espirituais, como um todo, que se transforma, mas permanece indivisível, em todas suas dimensões, numa relação com o meio ambiente devendo ser compreendido numa totalidade diante dos fatos, percepções, comportamentos. O homem é um ser em relação, existe sempre como parte de algum campo e seu comportamento só pode ser compreendido como função da totalidade desse campo, que inclui tanto ele quanto o ambiente. Dessa maneira, a escuta e a fala são instrumentos essenciais de comunicação terapêutica, devendo-se observar atentamente a forma como as palavras são articuladas, suas intencionalidades e entonação, além de definir o momento em que será emitida.

A musicoterapia pode ser uma forma eficaz de ajudar os indivíduos a se comunicarem de forma não verbal. A música pode ser usada para expressar emoções e sentimentos que muitas vezes são difíceis de serem verbalizados. Um estudo publicado na revista *Psychology of Music* demonstrou que a musicoterapia pode ajudar a melhorar a comunicação não verbal e a expressão emocional de indivíduos com transtornos do espectro autista (KIM et al., 2013, p. 35).. apud Lima et al (2017).

Integração de partes separadas consiste na visão de que pensamentos e emoção integram-se às ações humanas. A mente do indivíduo e seu corpo formam uma unidade, sem partes separadas. A integração portanto, na representação da forma como estes elementos se organizam e como o indivíduo se relaciona com o meio ambiente.

O estudo sobre a musicoterapia em junção com a Gestalt-terapia, demonstra que a abordagem da Gestalt enfatiza a importância da integração das partes separadas do indivíduo em um todo coeso destacando a unidade do homem como um ser indivisível. Finalizamos, portanto, esse capítulo delineando as práticas clínicas que utilizam a Gestalt-Terapia, descrevendo os benefícios à saúde, elencando as modalidades utilizadas pelos musicoterapeutas em suas práticas de atendimento ao cliente.

Com este trabalho podemos considerar que a musicoterapia pode trazer uma série de benefícios e resultados positivos quando aplicada na clínica. Ela é uma forma de terapia que utiliza a música como ferramenta terapêutica. Citamos, portanto, alguns dos resultados que a musicoterapia pode trazer na clínica:

Expressão de Emoções: A música oferece uma maneira alternativa de expressar emoções e sentimentos que podem ser difíceis de verbalizar. Isso é particularmente útil para pessoas que têm dificuldade em se comunicar ou compartilhar seus sentimentos.

Redução do Estresse e Ansiedade: A música tem o poder de rir e relaxar. Através de técnicas musicais acompanhadas, a musicoterapia pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade, promovendo um estado de relaxamento.

Melhoria da Saúde Mental: A musicoterapia pode ser eficaz no tratamento de uma variedade de condições de saúde mental, incluindo depressão, transtorno de ansiedade, transtorno bipolar e esquizofrenia, ajudando os pacientes a controlar sintomas e melhorar seu bem-estar emocional.

Desenvolvimento de Habilidades Sociais: Em configurações de grupo, a musicoterapia promove a interação social e o trabalho em equipe, ajudando os pacientes a desenvolver habilidades de comunicação, empatia e cooperação.

Estímulo à Criatividade: A improvisação musical e a composição podem estimular a criatividade e a autoexpressão, permitindo que os pacientes explorem seus pensamentos e sentimentos de maneira única.

Fortalecimento da Autoestima: O sucesso na execução de músicas ou na criação de música original pode aumentar a autoestima e a autoimagem dos pacientes, promovendo um senso de realização pessoal.

Integração Sensorial: A musicoterapia pode ser especialmente benéfica para pessoas com distúrbios sensoriais ou autistas, auxiliando na integração de sensações e estímulos sensoriais de maneira terapêutica.

Apoio na Reabilitação Física: Em contextos de reabilitação, a musicoterapia pode ajudar na recuperação de habilidades motoras, progressivas e de força, especialmente em pacientes que sofreram lesões corporais ou acidentes vasculares.

Fortalecimento do Relacionamento Terapêutico: A musicoterapia pode fortalecer o vínculo entre o terapeuta e o paciente, criando uma experiência compartilhada e fortalecendo a relação terapêutica.

Melhoria na Qualidade de Vida: Em pacientes com doenças crônicas ou em cuidados paliativos, a musicoterapia pode melhorar a qualidade de vida, aliviando sintomas como dor, depressão e ansiedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a música tenha sido utilizada como ferramenta terapêutica durante toda a história humana. A Musicoterapia é relativamente nova, enquanto uso da música como campo de estudo e técnica em desenvolvimento para aplicação na clínica psicológica. Seu avanço se dá por conta da forte influência que os sons, e de modo especial a música, tem sobre as emoções humanas, de modo a possibilitar, como sempre o fez durante toda a história, seu uso na promoção da saúde. Nessa perspectiva, na pesquisa em questão, foi feito um esquadramento histórico acerca da musicoterapia e seus efeitos na saúde humana. Encontrou-se diversos autores que fazem referência a esse evento a saber, Ruud (1998); Gaston (1968); apud Cunha; Volp (2008). Na esfera dessas investigações constatou-se que esses estudos dedicaram-se a compreender as funções sonoras em ritmos e silêncios na complementação do trabalho terapêutico. Nesse sentido, os autores pesquisados afirmam ser necessário “pesquisar a música em musicoterapia é considerar a música como um instrumento de forças objetivas assim como as relações que passam a emergir dessas forças” (CRAVEIRO DE SÁ L., 2004). Dessa forma, a atuação psicológica na Gestalt Terapia caracteriza-se por um profundo trabalho envolvendo a escuta, fala, reconfiguração de percepção da realidade, bem como o uso desse cenário ser complementado por sons e entonações musicais no auxílio do alívio da dor emocional (SILVEIRA, 1997).

As relações entre a Musicoterapia e a Gestalt-terapia são distintas tanto na construção teórica quanto no método, pois o potencial criativo da abordagem gestáltica é evidente, bem como é clara a diversidade na prática. Associar essas terapias de maneira consistente e organizada pode causar impactos positivos na clientela atendida, favorecendo ampliações de caminhos e minimizando fronteiras, provocando novas sensibilizações em relação à vida e promovendo novos horizontes psicossociais nos clientes.

Este trabalho abre espaço para novas pesquisas sobre o tema e a busca de novas possibilidades do uso da musicoterapia no cuidado com a saúde mental e alívio de alguns sintomas presentes, por exemplo, na ansiedade.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Gestalt-Terapia. Disponível em: <<https://gestalt.com.br/>>. Acesso em: 28 de abr. de 2023.

Associação de Musicoterapia do Paraná. **O que é musicoterapia?** Curitiba, PR, 2018. Disponível em: <<https://amtpr.com.br/musicoterapia/>>. Acesso em: 24 maio 2023.

BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia:** contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988. 184 p.

Disponível em:

<<https://toaz.info/doc-view-2>>

Acesso em: 25 de abr. 2023.

BORGES, Iara Farias. **CAS aprova regulamentação da profissão de musicoterapeuta.** Rádio Senado, 18 out. 2023. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/10/18/cas-aprova-regulamentacao-da-profissao-de-musicoterapeuta#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Assuntos%20Sociais,vota%C3%A7%C3%A3o%20no%20Plen%C3%A1rio%20do%20Senado>>. Acesso em 24 de setembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde:** atitude de ampliação de acesso. Brasília, DF, 2006. 92 p. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>>, Acesso em: 25 de abr. 2023.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia.** Tradução: Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2016. 384 p.

CASTELHANO, Mirella Souza. **Validação semântica das versões curtas das Escalas de medição do quocientes Empatia/Sistematização e caracterização empática e sistemática de graduandos de enfermagem brasileiros e portugueses.** Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 84 p. 2018.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **Música em musicoterapia:** dimensões da pesquisa. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, 5, 2004, Rio de Janeiro. Mesa Redonda, Rio de Janeiro: AMTRJ Ed., p. 70 – 78.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. **A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação.** Revista Científica/FAP Curitiba. vº 3. 2008. p. 85-97. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1627>>. Acesso em: 03 maio 2023.

FREGTMAN, C (1989). Apud OLIVEIRA ; GOMES (2014). **Corpo, Música e Terapia.** S. Paulo. Cultrix. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S%20livro%20SPCE>>

%202015%20PCE2_EIXOS_BOOK%20CC%20%282%29.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 maio. 2023

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia**. Obras Completas, volume XVI. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988. 160 p.

JÚNIOR, Roosevelt Araújo da Rocha. **Música e Filosofia em Platão e Aristóteles**. Revistas USP, Filosofia e Música, **Discurso**, [S. l.], n. 37, p. 29-54, 2007. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.62912. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/62912>>. Acesso em: 05 maio. 2023.

LIMA, Adryelle Fabiane Campelo de et al. **A Influência de práticas pedagógicas e terapêuticas não verbais no transtorno do espectro autista**: as possibilidades para o profissional de educação física. Motricidade, vol. 13, 2017, pp. 87-96. Edições Desafio Singular Vila Real, Portugal. ISSN: 1646-107X Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273052514010.pdf> Acesso em: 10 set. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

McCLENON, James. **Shamanic healing, human evolution and the origin of religion**. Journal for the Scientific Study of Religion, vol. 36, no. 3, 1997, pp. 345-354, DOI: <https://doi.org/10.2307/1387852>. Acesso em: 04 ago. 2023.

MIRANDA, M. B. **A música e as emoções**: os benefícios da educação musical amparados na neurociência. Rio de Janeiro, 2013. 113 p. Disponível em: <<http://www.domain.adm.br> > matheusmiranda>. Acesso em: 02 maio 2023.

OLIVEIRA, Clara Costa; GOMES, Ana. **Breve história da musicoterapia, suas conceptualizações e práticas**. Atas do XII Congresso da SPCE, 2014. p.754-764 Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39982>>. Acesso em: 04 maio. 2023.

PERLS, F. **Escarafunchando Fritz**: dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979. 256 p.

PERLS, F., HEFFERLINE, R., & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia** 2. ed. São Paulo: Summus, 1997. 149 p.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente**. Universidade Autónoma de Lisboa ed., 2003. 567 p.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo; v. 20, n. 2, p., abr./jun. 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>>
Acesso em: 22 out. 2023.

RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990. 112 p.

SAMADAR, Maria dos Santos, ANSAY, Noemi Nascimento. **Musicoterapia: um olhar panorâmico sobre as publicações no atendimento de crianças com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH**. Anais do XIV Fórum Paranaense de Musicoterapia, ISSN 2237-034X, 2004. p. 55-66. Disponível em: <<https://amtpr.com.br/wp-content/uploads/2021/03/2012-XIV-Forum-Paranaense-de-Musicoterapia-2012-PDF-Completo.pdf>>. Acesso em 21 set.23.

SAMPAIO, Renato Tocantins et.al. **A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo**: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pm/a/zhKMfm3Q5VJ5dGfQYtD9gBC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05 maio. 2023.

SANTOS, Marco Antônio C. **Clínica Musicoterápica: Limites e Transgressões**. UBAM. - Rio de Janeiro: AMT-RJ, 1998, p.63. Disponível em: <<http://www.amtrj.com.br/wp-content/uploads/2021/04/IV-FORUM-ESTADUAL-DE-MUSICOTERAPIA-ISBN.pdf>> Acesso em: 30 de abri. 2023.

SILVA, Camila L Lima e; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira; PEREIRA, Maria Amélia Dias. **A contribuição da Musicoterapia no tratamento de pacientes depressivos**. Monografia (Bacharelado em Musicoterapia). Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2003. 68 p. Disponível em: <https://silo.tips/queue/a-contribuicao-da-musicoterapia-no-tratamento-de-pacientes-depressivos?&queue_id=1&v=1699798875&u=MjgwND03Zjc6ZDQ0MzpiYjNjOmJkYmI6YzAzZjoyNmZjOjliM2Q=>>. Acesso em: 07 maio. 2023.

SILVA, Guilherme Luiz Pereira e. **Musicoterapia como ferramenta auxiliar no controle da ansiedade: uma revisão da literatura brasileira**. 2021. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39982>>. Acesso em: 04 maio. 2023.

SILVA, Thais Brito da. **Agenda da Comunidade Científica Nacional de Musicoterapia em 2017: Análise da experiências debatidas em um forum científico**. Monografia (Bacharelado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 81 p. 2019.

SILVEIRA, Teresinha Mello. **A Gestalt no Contexto da Psicoterapia: Teoria e Metodologia Aplicadas a um Caso Clínico** In: Presença: Revista Vita de Gestalt-terapia, – Ano 3 – Número 4. 1997. p.07-27.

SIQUEIRA José Luiz Dias; LAGO, Angela Maria Chagas Villasuso. 2012. **Coletivo da música**: um estudo sobre relações entre arte e saúde mental. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 3, n. 1, p. 93-111, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v3n1/a07.pdf>>. Acesso em 24 set.2023.

TARRICONE, K. **A música na interface da aprendizagem**. Revista Internacional de Educación Preescolar e Infantil, v.1, n.2, 2016. p. 110-115. DOI: 10.18848/2443-9835/CGP/v01i02/105-115. Acesso em 03 maio 2023.

YONTEF, G. M. **Processo, Diálogo e Awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ZANETTI, Clovis Eduardo. **O Acompanhamento Terapêutico (AT) no hospital geral**: Música e Psicologia aplicada à saúde. Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 49-59, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 de maio de 2023.

ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. **Musicoterapia e Saúde Mental**: um longo percurso. In: Valladares, A. C. A. (Org.). Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. São Paulo: Vetor, 2004. p.181-203. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228601788_MUSICOTERAPIA_E_SAUDE_MENTAL_-_UM_LONGO_PERCURSO>. Acesso em 15 de agosto de 2023.